

## Arturo Casas

Professor de Teoria da Literatura na Universidade de Santiago de Compostela

### Como é que definirias o teu trabalho artístico?

A tarefa tem as suas complexidades. Sobretudo porque em todo relato desta índole – um balanço do por ti feito – se propende a achar à legitimação da voz enunciativa e à validação do que supostamente se fez ou se deixou de fazer. No meu caso, para além do anterior, dá-se a dupla produção que se consigna na questão formulada, embora a primeira (a artística) cessou há mais de vinte anos como prática com alguma continuidade. Publiquei três livros de poesia nos anos 90, poder-se-ia dizer que atentos à exploração do descentramento dos sujeitos que representam a ação de conhecer, nomeadamente de conhecer o outro, ou também de autoconhecer-se e depois descrevê-lo ou contá-lo de alguma forma. Na minha perspetiva atual, pouco disso, como poética pessoal ou pública, conserva maior validade ou interesse. De facto, a poesia que escrevi posteriormente, de forma sempre casual, sem propósito de formalizar-se como *obra*, teve um tom de retificação em certa medida política; e, por seguir com o trocadilho, quis ser *desobra*. Alguma coisa tem a ver isto que comento – o da mudança, também o de tentar *deslocar-se* – com a atividade dita *académica*, tanto a crítica como a de signo mais sistemático, com as óbvias perguntas pelo método e o objeto dos estudos sobre o literário, o artístico, o político (Mouffe)...; também com as perguntas sobre as condições funcionais dos sistemas culturais e políticos, pela dialética entre os campos de produção ideológica e do poder, pela correlação entre o local e o global através duma questionada esfera pública mundial (Fraser)... Outro pano de fundo quanto ao trabalho artístico veio marcado por unha desafeição séria a respeito da ideia *ser-autor*, que nalgum momento teve igualmente umas coordenadas políticas ligadas, por uma parte, à

duvidosa legitimidade/utilidade de tomar a palavra (sendo alguém o que é, em diversos planos, que até dá apuro detalhar, mas que conduzem à velha questão de *a quem e que representa a voz com a que enuncias/intervéns*) e, por outra, às condições de ser partícipe duma cultura ‘menorizada’ que se debate entre um programa político dissoluto (que conta com o poder do Estado e com os dispositivos em que delega, muito potenciados nas regras do jogo impostas pelo neoliberalismo e pelo controlo dos meios de comunicação) e, na (suposta) outra beira, a ausência da força e da coesão precisas para tratar de virar essa situação terminal, coisa que afeta aos espaços não só institucionais mas também aos de base, embora este seja o enorme mérito histórico do associacionismo cultural galego já desde os tempos da ditadura franquista. Um setor, nem excessivamente amplo nem relevante, do trabalho crítico e teórico desenvolvido nestes anos por mim é possível que tivesse aspirado a contribuir modestamente a assinalar essas evidências a fim de que uma massa crítica contra-hegemónica se reconheça a si própria, no meu país e noutros, como alternativa. Outro setor, também reduzido, orientou-se a outra funcionalidade que acho problemática: tratar de determinar, sempre que possível assinalando-o, aquilo que contemporiza ou ampara o que julgo negativo para superar o estado de coisas descrito. E aí é onde entram, por exemplo, as práticas (dominantes) duma crítica improdutiva.

### **Como se estabelece a relação entre o poético e o político no teu trabalho?**

Nos dias de hoje contemplo essa relação sob unha perspetiva de fundamento sociológico, que, entre outras coisas, segundo acabo de manifestar, resitua a dimensão autoral e faz que esta se interprete à luz das também velhas questões – procedentes da pragmática e da análise crítica do discurso, mas já antes da retórica – sobre o que se pode pensar e o que se pode dizer e publicar; algo sempre bastante condicionado, também no campo académico, segundo resulta óbvio. Em qualquer caso, coincido em boa medida com as propostas que diferentes teóricos atuais têm exposto sobre o assunto, com certeza de forma nem sempre coincidente. Por exemplo, no referido a quem seja o sujeito da produção artístico-literária, que eu acho – por exemplo com Badiou – que deixou de ser aquele indivíduo dotado de determinadas capacidades, posições, influências, consagração..., para passar a ser realmente um sistema de obras como *configuração*. Interessa-me especialmente também, sem nos sairmos deste plano, a observação devida a Bourdieu sobre a leitura ou receção dos textos

literários. Em algum modo converge com o que acabo de assinalar. Ler uma autora consistiria assim no básico em determinar em favor de quê e em contra de quê escreveu (nem só em sentido ideológico, mas no plano geral duma política estética, a modo de Rancière). Dito doutro modo, consiste em entender a sua agencialidade no espaço dos possíveis dado no momento da sua intervenção. E a verdade é que isto parece válido quer para falar de poesia quer de escultura, de crítica ou de teoria literária.

### **Como valorizas o impacto real e a influência política da tua obra na sociedade?**

Seria ingénuo pensar que essa influência exista numa dimensão puramente positiva, medível, quantificável. Porém, e sem me deter agora – em consequência com o antecipado há um momento sobre a individualidade criadora ou produtora – nem no meu caso particular nem em nenhum outro de maior entidade que a minha, desconfio do facto de que a produção artística, e também em concreto a literária, possua capacidades relevantes para modificar o reparto do sensível, os processos de subjetivação e, em definitiva, as possibilidades efetivas de cambiar isso que na pergunta se formula como “sociedade”, mas que também poderia ser chamado de “mundo”. No entanto, e volto ao de antes, será o sistema de obras e a agência múltipla, sempre relacional, não necessariamente coordenada em sentido estrito embora si disposta a (e suscetível de) procedimentos de tradução ou inteligibilidade mútua (no sentido de Boaventura de Sousa Santos), a que atinja essa influência dadas as circunstancias favoráveis. O processo histórico desse desenvolvimento, desse logro, poder-se-ia comparar ao que supõe hoje em dia a presença iniludível do pensamento feminista, ele mesmo múltiplo e em permanentes reformulações. Hoje não se pode pensar dum fora absoluto do feminismo, como ainda se podia fazer (digamo-lo assim) há por exemplo um século. Digo isto, por suposto, tendo presentes as diferenças geoculturais, de escala histórica, coloniais ou neocoloniais e de toda índole que afetam o assunto. A literatura não pode modificar o mundo nos metros e escalas que correspondam a uma duração breve, imediata, experimentável ao vivo e em direto. A arte também não. Nem sequer a filosofia política pode fazê-lo. Hoje há toda uma classe de ‘portavozes’ a tentar inculcar-nos que nem a própria política pode mudar as coisas... Os programas das vanguardas históricas e das neovanguardas ainda tinham a confiança, em alguma medida, de que isso podia ser logrado. Eu prefiro pensá-lo no médio prazo. Pensando todo o anterior

em termos de discursividade, está claro. Porque o mundo não só o mudam os discursos. Existem outros métodos, que não entram num livro de poemas nem só no que se diga ou pense.

**Em termos de intervenção política no espaço público, existem numerosos casos de criação artística de elevada ressonância. Há algum exemplo que consideres especialmente significativo na actualidade?**

Tudo o que for arte e intervenção públicas acho que tem de seu um interesse particular no plano que aqui estamos a debater, em especial de se vincular nalgum sentido com movimentos emancipatórios e de libertação, do signo que for. Sigo com especial interesse o labor de quem é capaz de articular discursos teóricos com produção crítica e atividade artística. O caso de Mieke Bal, por exemplo, parece-me paradigmático. Aqui entra de novo, de todas as formas, algo que antecipei na primeira questão. O assunto não tanto das legitimidades como das necessidades. Continuamos a precisar do discurso hegemónico, em perspectiva hegemónica, ditado por agentes hegemónicos, nos diversos níveis que se queiram contemplar, incluído o do mercado? Eu, particularmente, acho que não. É sempre mais oportuno e efetivo o contra-hegemónico nos planos epistemológico, político, artístico...? Também não teria a certeza, embora contenha práticas associadas com uma vantagem importante, a de serem como mínimo presuntivamente *novas* na sua modulação e concreção material. São assuntos complicados, porque poderiam conduzir, em definitiva, a manifestarmos-nos contra o acesso ao discurso público de determinados indivíduos, ou pelo menos a expressar que nada do que possam dizer interessa em excesso para tratar de modificar as coisas num sentido mais justo, razoável, sustentável... o mundo (por exemplo, por eles serem *brancos*, ou *varões*...), ou nem sequer as práticas artísticas saídas da sua mão. Em todo o caso, e como regra geral, acho que haveria que ir deixando passo nesse terreno da produção artística a todas as vozes e olhadas que até ao presente viemos, por ativa ou por passiva, silenciando, apagando.